

PAISAGENS CULTURAIS NO CERRADO EM TRANSFORMAÇÃO

Edevaldo Aparecido Souza¹
Dr. Rosselvelt José Santos²

Resumo

Buscaremos debater, neste texto, as recentes transformações na produção energética do país, que promove reconfigurações e resignificações das paisagens no Cerrado goiano e mineiro, tendo como recorte espacial parte das Microrregiões Quirinópolis e Ituiutaba. Para esse estudo é necessário a análise da paisagem proposta pela Geografia Cultural moderna sob novas abordagens, sobretudo quanto as dimensões simbólicas da vida coletiva. Sabendo que a paisagem na Geografia possui uma literatura muito extensa, é de grande importância resgatá-la para que se contemple tanto os vários teóricos que se debruçaram nesta categoria, como também as várias tendências a partir do histórico pensamento geográfico. Contudo, embora procuraremos resgatar essa literatura, é no conceito de paisagem cultural que este texto vai apresentar as preocupações relacionadas ao processo de reutilização e reocupação do Cerrado, sobretudo pelas grandes lavouras de cana-de-açúcar, promovendo resignificações e reconfiguração da paisagem cultural. Na verdade trata-se das práticas cotidianas dos povos tradicionais do Cerrado, que historicamente construíram suas vidas pautadas nas feições do Cerrado e, desta forma, construíram uma paisagem cultural a partir destas práticas. Considera-se importante analisar as condições com que as tradições e os modos de vida persistem e ainda convivem com as diferentes lógicas sociais subservientes aos interesses reprodutivistas dos grandes capitais investidos nas grandes lavouras e usinas de cana-de-açúcar. Nessa perspectiva faz-se necessário a investigação da diferentes lógicas postas nesta paisagem, haja vista que estão presentes forças produtivas e socioeconômica diferenciadas.

Palavras-Chave: paisagem cultural, Cerrado, modo de vida, Geografia Cultural, resignificação

Abstract

We find discussed in this text, the recent changes in energy production in Brazil, which promotes reconfigurations and resignifications of landscapes in the Cerrado of Goiás and Minas Gerais, having as space clipping part of the Microregions Quirinópolis and Ituiutaba. For this study it is necessary the landscape's analysis proposed by modern Cultural Geography in new approaches, particularly for symbolic dimensions of collective life. Knowing that the landscape in geography has a very extensive literature, it's of great importance to rescue it in order to include both the various theorists who have bent over this category, as well the several trends from the historical geographical thought. However, although seeking to redeem this literature, it's in the concept of cultural landscape that this text will show the concerns related to the process of reuse and reoccupation of the Cerrado, particularly by large plantations of sugar cane, promoting resignifications and reconfiguration of the cultural landscape. Indeed it deals with the daily practices of traditional people of the Cerrado, which historically built their lives based on features of the Cerrado and, thus, built a cultural landscape from these practices. It is also important to analyze the conditions in which the traditions and ways of life still persist and coexist with the different social logics that are subservient to the reproducible interests of the major capital invested in major crop and sugar cane plants. From this perspective it is necessary to research the various logics put in this landscape, since there are different productive and socioeconomic forces present.

Key-Words: cultural landscape, Cerrado, way of life, Cultural Geography, remeaning

¹ Doutorando pela Universidade Federal de Uberlândia e professor da Universidade Estadual de Goiás edevaldoueg@yahoo.com.br

² Doutor e professor da Universidade Federal de Uberlândia e orientador do projeto de pesquisa de doutorado. rosselvelt@ufu.br

1. Introdução

Na perspectiva da abordagem da paisagem cultural, buscaremos debater as recentes transformações na produção energética do país, que promove reconfigurações e resignificações das paisagens no Cerrado goiano e mineiro, tendo como recorte espacial as Microrregiões Quirinópolis e Ituiutaba. Aziz Ab'Saber em sua análise da paisagem natural já destaca as modificações ocorridas, principalmente devido a implantação de novas infraestruturas viárias e energéticas, questionando ainda a utilização do solo para agricultura como arroz e soja para consumo interno e para exportação, afirmando ser ações “impensadas de vocações dos solos regionais para atividades agrárias rentáveis” (AB'SABER, 2001, p.35).

Para o estudo a partir deste viés, é necessário a análise da paisagem proposta pela Geografia Cultural moderna sob novas abordagens, sobretudo quanto as dimensões simbólicas da vida coletiva. Seguindo as observações de Paul Claval (1997) esta constitui-se em torno de três eixos: das sensações e das percepções; do estudo através da ótica da comunicação, compreendida como uma criação coletiva; da apreensão da cultura na perspectiva da construção de identidades.

Carl Troll (1996) apresenta a paisagem a partir de um conceito fisionômico ou formal, ou seja, os elementos naturais ou físicos, porém também a apresenta a partir do conceito funcional, sendo este o resultado de todos os geofatores, inclusive a economia e a cultura, caracterizando assim, a paisagem cultural. Sabendo que os elementos e fatores que constroem a paisagem se imbricam a partir de processos relacionais, é relevante ainda resgatar a afirmação do autor de que todas as paisagens refletem transformações temporais e conservam testemunhos de tempos passados, no qual Ab'Saber (2001) traz a idéia de que a paisagem é sempre uma herança. Cara (1995, p. 69) corrobora esse processo espaçotemporal nas relações humanas, ao dizer que “tiempo y espacio confluyen en lo cotidiano”.

Na verdade a paisagem na Geografia possui uma literatura muito extensa, conforme nos apresenta Passos (2003) e é de grande importância resgatá-la para que se contemple tanto os vários teóricos que se debruçaram nesta categoria, como também as várias tendências a partir do histórico pensamento geográfico. Contudo, embora procuraremos resgatar essa literatura, é no conceito de paisagem cultural que este texto vai apresentar as preocupações relacionadas ao processo de reutilização e reocupação do Cerrado, promovendo resignificações e reconfiguração da paisagem cultural.

A paisagem é, portanto uma construção através de processos e relações, envolvendo elementos naturais e culturais, aonde, na visão de Almeida (2008) os seres humanos lhe atribuem significados simbólicos. A autora ao dizer que o uso do Cerrado pelos seus habitantes torna-se um marco identitário das populações e paisagens sertanejas, apresenta o termo “etnoterritorialidade do sertanejo” ou simplesmente povos tradicionais do Cerrado.

Na verdade estamos falando das práticas cotidianas desses povos que historicamente construíram suas vidas pautadas nas feições do Cerrado e, desta forma, construíram uma paisagem cultural a partir destas práticas, o que para Damiani (1999) inclui o “vivido, a subjetividade, as emoções, os hábitos e os comportamentos”, ou para Corrêa (1996), privilegia os sentimentos e simbolismos atribuídos aos lugares. Cara também expressa sua contribuição ao escrever que “en Geografía el cotidiano se ha revalorizado a partir de conceptos de identidad, de espacio vivido, y fundamentalmente a partir del concepto de lugar” (CARA, 1995, p. 69).

Alicerçado pela literatura acerca da paisagem cultural, das relações e processos que criam o cotidiano dos povos tradicionais no Cerrado, aprofundaremos o debate ancorados em uma metodologia de estudo que considera a história dos lugares e procura compreender os modos de vida, analisando os impactos que a chegada da monocultura de exportação, a cana-de-açúcar, impõe aos grupos sociais tradicionais objetivando investigar as ressignificações impostas, tendo os modos de vida como objeto de estudo.

Assim sendo, pode-se dizer que a disputa cultural, assim escreve Chaveiro, econômica e simbólica pelo Cerrado é consequência da forma como o esse espaço local, se insere no mundo global. “Essa inserção, veloz, diretiva e economicista, acende a vitalidade de outro nível de consciência que se vê desenraizada, vilipendiada, explorada, fragmentada, usada” (CHAVEIRO, 2008, p. 76). Para Santos (2008a) são práticas, valores e instituições, historicamente constituídas pelas populações tradicionais que foram seriamente abaladas a partir dos projetos estatais e do grande capital internacional que se espalharam pela região, tornando-se expressões do desenvolvimento.

Conforme o autor, a “redefinição e a reocupação dos Cerrados brasileiros, a partir dos anos 1970, são marcadas por projetos de “desenvolvimento”, que destacaram a agricultura como fontes de divisas e de equilíbrio, na balança de pagamentos. (...) O objetivo desses projetos, para o Centro-Oeste, é modernizar a produção agrícola e obter produtividade no Cerrado (SANTOSA, 2008, p. 99/100).

Nesse contexto e em razão das recentes transformações econômicas e tecnológicas da produção agrícola, discutem-se os objetivos e os alcances das grandes lavouras de cana-de-açúcar no Cerrado brasileiro. São lavouras que ocupam trabalho de migrantes temporários no corte da cana; que remuneram proprietários rurais lhes impondo contratos de arrendamento; que reduzem ou mesmo eliminam o trabalho familiar, tendo como pressuposto o consumo de solos férteis, ocupação de territórios envolvendo grupos humanos constituídos histórica e culturalmente, inclusive criando a possibilidade de quase extinção do antigo sistema produtivo dos produtores tradicionais, quase auto-suficiente.

Considera-se importante analisar as condições com que as tradições e os modos de vida persistem e ainda convivem com as diferentes lógicas sociais subservientes aos interesses reprodutivistas dos grandes capitais investidos nas grandes lavouras e usinas de cana-de-açúcar. Nessa perspectiva faz-se necessário a investigação da diferentes lógicas postas nesta paisagem, haja vista que estão presentes forças produtivas e socioeconômica diferenciadas. Analisando por esse viés, Santos (2008a) entende que haja invenções ou (re)invenções de identidades, uma vez que as resignificações são mais presentes e mais fortes que as extinções de modos de vida.

2. Conceitos e discussões a cerca da paisagem

Uma breve discussão da paisagem enquanto conceito científico e enquanto resultado da intervenção antrópica, utilizando a discussão de Passos (2003) que aborda clássicos da Geografia, bem como clássicos da paisagem e questão ambiental, assim como autores atuais que se debruçam nos estudos da paisagem cultural não podem deixar de se fazer presente num texto que analisa as transformações culturais na paisagem. Diante das questões, Passos (2003) inicia abordando, dentre os clássicos, Vidal de La Blache, no tocante às suas contribuições para o conceito de paisagem.

Cita o autor que a escola geográfica francesa (lablachiana) utilizou-se com muita ênfase da descrição da paisagem (*landschaft*), apontando as singularidades de cada região para caracterizá-la. La Blache utilizava-se das partes para chegar ao todo. Esforço abusivo para ressaltar a individualidade, cria o excepcionalismo da região, excluindo ou dificultando a possibilidade de estudos integrados dos meios naturais, que Bertrand conceituará como “geossistema”.

A paisagem puramente descritiva não exige a necessidade de apontar os elementos que a constituem, como também não exige uma interação entre elas. Daí o termo excepcionalismo, uma vez que o individual é suficiente. Analisar a paisagem com excepcionalismo é o mesmo que engessar um espaço artificialmente estabilizado no tempo e

delimitado no espaço, negligenciando os aspectos históricos das comunidades inseridas neste meio e da própria natureza e seu movimento dinâmico. O conceito de paisagem, na Geografia, conforme Passos (2003), foi introduzido por A. Hommeyerem, mediante a forma alemã *Landschaft*, considerando esta, o conjunto de elementos presentes num dado espaço.

A sociedade é tida como agente natural, integrada na paisagem e esta é reflexo da sua organização social, do seu grau de cultura e do seu aparato tecnológico. A paisagem é uma produção histórica da integração sociedade-natureza e desta forma, a ciência da paisagem ignora a ruptura entre a Geografia Física e Geografia Humana. A seguir, apresentam-se, de forma sucinta, algumas das variáveis que contribuíram para a conceituação da paisagem, conforme Passos (2003):

- a) A doutrina *holística* (*holos* significa totalidade), de Smits em 1926, onde todas as entidades físicas e biológicas formam um único sistema unificado e inter-relacionado, sendo o sistema completo maior que a soma das partes.
- b) A contribuição de Humboldt, no século XIX, sendo o primeiro a concentrar a paisagem sob um ponto de vista científico. Em suas viagens foi descrevendo a paisagem, principalmente o elemento “vegetação”, considerada por ele o mais significativo para caracterizar um aspecto espacial. O método utilizado foi o empírico, de forma explicativo e comparativo das paisagens.
- c) Ratzel, no final do século XIX, também deixou sua contribuição com o conceito na linha do racionalismo e do positivismo ambiental, resultando, pelas contribuições dos autores já citados, na *Landschaftkunde* – Ciência da paisagem sob uma ótica territorial.
- d) No século seguinte, Richthofen e Passarge, discípulos de Humboldt, apresentaram, o primeiro autor, a visão da superfície terrestre (*Erdoberflasche*), enfatizando a interconexão das esferas – litosfera, atmosfera, hidrosfera e biosfera – como fundamentos da paisagem, e o segundo consagrando a paisagem como ramo da Geografia, escrevendo o primeiro livro como “Geografia da Paisagem”. Passarge aprofunda a inter-relação dos elementos que, em seu livro “Geomorfologia” (1931) aborda a relação das formas de relevo com os elementos climáticos e com a vegetação.
- e) Outra atribuição foi dada pelo alemão Carl Troll, que incorporou o conceito de *ecótopo* como abordagens da ecologia – Geoecologia – que abriria, no futuro, o conceito de Geossistema, incluindo aqui, o conceito de paisagem cultural (*Kuturlandschaft*).
- f) No final do século XX, após ter ficado praticamente toda a segunda metade do deste século renegada e esquecida, não constituindo como disciplina ou como ciência, a paisagem voltou a ser utilizada como conceito e debatida em grande

número de trabalhos da academia. Enquanto os ecólogos – a partir do Ecossistema – classifica fisionomicamente a paisagem vegetal, os geógrafos – a partir do Geossistema – estudam a paisagem social.

Chier (2003, p. 82) defende que em quase todas as abordagens dos séculos XIX e XX, as paisagens são “entidades espaciais que dependem da história econômica, cultural e ideológica de cada grupo regional e de cada sociedade (...) compreendidas como (...) processos de conferir ao espaço significados ideológicos ou finalidades sociais (...)”. Para comprovar essa afirmação traz o pensamento de Ratzel e La Blache, dentre outros, sendo que o primeiro utiliza o conceito de paisagem em uma forma antropogênica, ou seja, há uma dialética entre elementos da paisagem natural, os fixos, com os elementos móveis, os fluxos, sobretudo os humanos e o segundo, o conceito de *pays* aonde a cultura transforma a natureza e que isso depende do homem.

Desta forma são variadas as definições de paisagem, onde destacamos a de Tricart, que que diz que “uma paisagem é uma dada porção perceptível a um observador onde se inscreve uma combinação de fatores visíveis e invisíveis e interações as quais, num dado momento, não percebemos senão o resultado global” (TRICART, 1981 *apud* PASSOS, 2003 p. 56).

Tivemos então um grande ganho para a ciência geográfica, pois esta vai elaborar, com eficiência, a histórica dicotomia “sociedade-natureza”, uma vez que o Geossistema, na análise paisagística, aborda o método naturalista com relação estreita às Ciências Sociais e às práticas de organização do espaço. O conceito de Geossistema foi introduzido pelo geógrafo soviético Sochava, em 1963, utilizados por todos os especialistas, a partir de então, a começar pelos geógrafos Stoddart (inglês) e Neef (alemão). Desta forma Bertrand em 1982, apresenta um esquema de “hierarquia das disciplinas” que compõem a Geografia Física seguindo dois modelos: o da Geografia Física Atual, que observa uma hipertrofia da Geomorfologia; e o da Geografia Física Geossistêmica, que integra Geomorfologia, Hidrologia, Climatologia e Biogeografia (PASSOS, 2003). Bertrand, afirma Schier (2003), entende que sociedade e natureza são uma única “entidade” de um mesmo espaço geográfico, não podendo privilegiar nem a esfera natural nem a humana, sendo, na verdade, uma forma homogênea.

Analisando o espaço rural, a partir da dialética natureza e sociedade, há de se considerar que este espaço é, ao mesmo tempo, ecológico e humano. Passos, ancorado em Bertrand aponta que temos na interface dos elementos da litosfera – atmosfera, hidrosfera e biosfera – três subsistemas inter-relacionados: o potencial abiótico – substrato geológico e relevo, junto com clima e água – fundamentais para a cultura vegetal; a exploração biológica – a fauna e a flora; e a utilização antrópica – a presença socioeconômica do homem na transformação da dinâmica do

geossistema agrário. “A agricultura não é somente uma ruptura do ecossistema natural, mas é também uma subtração da produção natural para fins exteriores ao funcionamento do ecossistema”, o que podemos qualificar como agrossistema (PASSOS, 2003, p. 111).

A paisagem, após longas décadas longe das discussões geográficas, volta em cena científica e vem com o discurso sistêmico relacionando a questão natural com a questão sócio-econômico-cultural, haja vista que este será o reflexo e a consequência da organização do território que determinada sociedade implantar. Assim sendo, o *aménager le territoire* – organização em ordem do território – traria como consequência, uma paisagem com geossistema em estado clímax entre os fatores naturais e os fatores antrópicos (PASSOS, 2003).

Outro método de análise da paisagem é o fenomenológico que valoriza as relações humanas – econômicas, sociais e culturais – que imprime formas e sentidos diferenciados, de acordo com temporalidades, espacialidades e relações também diferenciadas. A paisagem do Cerrado, sob o ponto de vista do equilíbrio em estado clímax que envolve elementos naturais e também sócio-culturais, não foge a essa regra. Dos usos do Cerrado surgia uma paisagem ímpar, resultante de convivência equilibrada e, portanto, determinada ou mediada pelas necessidades das pessoas e na relação com o próprio Cerrado. Entretanto, essa paisagem que continha parte de um modo de vida camponês, com a implantação das grandes lavouras tende para o homogêneo. A confirmação dessa tendência também indica a presença de grandes investimentos de capitais.

Ressurge então, a partir da década de 1970, nas discussões da Geografia Cultural, as análises da paisagem pelos aspectos da cultura e dos modos de vida da população tradicional e de como essas paisagens estão sendo modificadas em função do modelo produtivo capitalista. Desta forma, as alterações não acontecem apenas em proporções espaciais ou de produção como a pecuária ou outros usos do Cerrado, mas também transforma a produção dos meios de vida da população tradicional no campo que, de forma direta ou indiretamente impõe novos arranjos espaço-culturais também na cidade receptoras dessas populações. Carl Troll (1996) distingue paisagem natural e paisagem cultural, mas que nesta última também está presente os fenômenos naturais, assim como os pertencentes à economia, ao cultivo, à população com sua tradição, à estrutura social, à religião, dentre outras. Todas as paisagens, afirma o autor “refletem também transformações temporais e conservam testemunhos do passado”. Completa que as mudanças das paisagens econômicas são relativamente rápidas, enquanto que as naturais variam em ritmo geológico (TROLL, 1996, p. 3).

Monbeing esclarece, afirma Silva (2002), que a primeira vista da paisagem são os elementos naturais, rochas, solos, águas, relevo, vegetais, animais – incluindo o homem.

Entretanto, para observação completa da paisagem é ainda necessário sentir a atmosfera, os ventos, os cheiros e odores. Desta forma, para Monbeing “a paisagem não é mais considerada como produto da geologia e do clima, mas como reflexo da técnica agrícola ou industrial, da estrutura econômica ou social[...]” (SILVA, 2002, p. 73).

Os elementos identitários são, portanto, importantes na análise da paisagem, por tratar-se de usos e costumes de uma população, em seu contexto cultural e histórico, não mais apenas no ambiente rural, como também na paisagem urbana, que, aliás, tem recebido populações e resíduos culturais advindos do campo já transformado. Parafrazeando Corrêa (2003, p. 178), “a paisagem constitui ‘parte do conjunto compartilhado de idéias, memórias e sentimentos que une uma população’”. Este autor fundamenta que até a década de 1960, a Geografia Cultural relacionava-a apenas ao meio rural, enquanto que a discussão urbana referia-se apenas a sua morfologia. Data a partir de 1970, a preocupação em relacionar a Geografia Cultural com os estudos urbanos, fazendo uma leitura da paisagem urbana a partir de contextos histórico-culturais.

De acordo com Claval (2006, p. 99), “Se a geografia cultural se dedica à experiência que os homens têm do mundo, da natureza e da sociedade, ela deve partir daquilo que os sentidos lhes revelam”, ou seja, o olhar, o cheiro, o gosto e a audição que estão presentes na paisagem e precisam estar representados.

3. Paisagens Cerradeiras

A região do Cerrado brasileiro, até meados do século XX, constituía-se de uma paisagem típica de vegetação (aponta Ab’Saber que os chapadões recobertos por Cerrados, com florestas galeria, apresentam uma extensão de 1,7 a 1,9 milhão de quilômetros quadrados), intercalada por áreas agrícolas de subsistência, predominando culturas tradicionais das populações cerradeiras através da agricultura de subsistência, festas, mutirões e religiosidade próprias. Ab’Saber, escreve que nas áreas onde ocorriam os Cerrados existiam “verdadeiras florestas baixas de troncos relativamente finos e esguios, (...) bem inferior à das grandes matas pluviais tropicais” (AB’SABER 2001, p. 36). Em meio a essa vegetação, bem como aos cursos d’água, existiam pequenas plantações, nos fundos de vales, com residências rústicas, desenvolvendo uma atividade de subsistência em perfeita harmonia com a paisagem cerradeira (Figura 1 e 2).



Figura 1: Pequena propriedade com residência rústica e lavoura de subsistência em meio ao Cerrado

Fonte: SOUZA, Edevaldo A. 2006



Figura 2: Pequena propriedade com residência simples e lavoura de subsistência

Fonte: SOUZA, Edevaldo A. 2008

A partir dos anos 1960, no município de Quirinópolis-GO e região, inicia-se o fenômeno da modernização e mecanização no campo, no Cerrado, com a introdução de monoculturas para exportação, principiando com o arroz, substituído depois pelo milho e soja. A prática da monocultura produziu, na paisagem do Cerrado uma nova configuração, física e cultural, que perduram até os dias de hoje, quando uma nova cultura chega à região, a cana-de-açúcar, aonde novas metamorfoses começam a serem processadas na paisagem e na identidade territorial, promovidas pelo capital sucroalcooleiro e o Estado (Figura 3).



Figura 3: Pequena propriedade com residência simples, criação de gado de leite, pressionada pela cana-de-açúcar
Fonte: SOUZA, Edevaldo A. 2008

Na área espacial identificada para o estudo estão presentes cinco usinas de álcool e açúcar, sendo três recém instaladas no Estado de Goiás – São Francisco e Boa Vista em Quirinópolis e Energética São Simão S.A. no Município de São Simão – e duas em fase de implantação em Santa Vitória-MG – Usina Santa Vitória Açúcar e Álcool e Usina Vale do São Simão, conhecida popularmente como Usina Andrade (ALBINO, 2008).

Analisando o Cerrado, a partir das relações sócio-culturais, observa-se que o modo de vida tinha suas manifestações na paisagem, ou seja, a produção podia ser realizada em pequena escala, e o modo de vida impresso nesta paisagem estava relacionado ao modo de ver, morar, pensar e conceber o Cerrado. Ao analisar, atualmente, as alterações da produção dos meios de vida da população tradicional do Cerrado, bem como das suas identidades e valores culturais, poderá ser possível entender o processo que está posto, no tocante a coexistência metamorfoseada de modos de vida e relações de trabalho, sob a nova forma de vida que estas estão desenvolvendo a partir desta nova realidade, que altera a paisagem em sua forma física e cultural.

No tocante à paisagem cultural, Almeida (2008, p. 47), entende ser “uma construção, um produto da apropriação e da transformação do ambiente da cultura. Assim, os seres humanos lhe atribuem um significado”. Para a autora, a paisagem é um conjunto de realidades, valores, gestos e vividos multiforme, complexo e coexistentes que contém materialidade e aspectos simbólicos, garantindo a discussão sobre paisagens e identidades sertanejas.

A paisagem, de acordo com Almeida (2008), é parte integrante do meio ambiente que ao ser apropriado e transformado pelo homem, reconfigura a paisagem, que passa a possuir significados simbólicos. Elas refletem formas com que os seres humanos se apropriam

do espaço e dos recursos naturais, integrando-os ao seu sistema cultural, constituindo-se em patrimônios sociais, históricos e culturais.

Esta autora, ao discutir as paisagens e identidades territoriais, utiliza-se da denominação “etnoterritorialidade do sertanejo do sertão brasileiro”, para caracterizar os povos cerradeiros e caatingueiros, ou seja, homens de habitat dos biomas do Cerrado e da Caatinga, sendo que essa dimensão sertaneja é essência da cultura brasileira (ALMEIDA, 2008).

Na verdade, as mudanças na paisagem do Cerrado foram ocorrendo ao longo do processo de uso e ocupação do espaço, numa relação entre escalas e temporalidades diferenciadas, como as transformações do produtor e das condições de produção no Cerrado, como afirmou Santos (2008b). Entretanto, foi na introdução de tecnologias modernas de produção e gestão empresarial no campo, acompanhando o modelo de flexibilização da produção conhecido como toyotismo, que as mutações se intensificaram e se tornaram mais perceptíveis.

O agronegócio e o seu novo braço, os “agrocombustíveis”, na região do Cerrado, pode ser percebido a partir da paisagem, visto que a expansão da cultura de cana-de-açúcar constitui formas típicas conhecida como “mar de cana”, aonde a exclusividade é condição para o sucesso da atividade, sendo necessário o extermínio de árvores, sedes, cercas, dentre outros elementos nas propriedades. Essa prática tem exercido “pressão” sobre os proprietários de terras, grandes, médios e pequenos, uma vez que outros tipos de produção poderão tornar-se inviáveis, em termos mercadológicos. Santos (2008b, p. 136) revela que na entre as transformações da paisagem e a metamorfose do camponês, descobriu-se, “no elemento humano que vai viver essa homogeneização das lavouras no Cerrado, as origens dos meios de vida de sua tradição camponesa, em que produzir os meios de vida implicava o acesso à terra”.

Dos usos do Cerrado surgia uma paisagem ímpar, resultante de convivência equilibrada e, portanto, determinada ou mediada pelas necessidades das pessoas e na relação com o próprio Cerrado. Tratava-se de saberes que se objetivavam no vivido, dos enlaces sociais e dos usos dos recursos necessários para se viver nos lugares rurais, que foram sendo substituídos por uma produção em que o proprietário e sua família vão aos poucos deixando de preservar valores históricos do cotidiano, por razões impostas pelo mercado que as levam a não mais produzir para suprir a todas as suas necessidades, para atender à demandas cada vez maior de mercados externos da região, estado, país ou até mesmo continente.

Desta forma, elementos da paisagem se transformam, pelo fato de que a cultura sofre mudanças e, no conjunto desses elementos metamorfoseados, têm-se uma configuração

paisagística diferenciada daquela de antes. Quando há a introdução da monocultura em larga escala na região do Cerrado, ou seja, grandes extensões de terras com apenas uma cultura, como é o caso da soja e da cana-de-açúcar, as mudanças são ainda mais gritantes, sobretudo essa última que necessita exterminar todas as árvores, as cercas e até as sedes das propriedades. É, de fato, uma exclusividade na paisagem.

Diante da prática exclusiva da cultura, afirma-se que não houve, por parte dos proprietários, sobretudo os pequenos, apenas perda de terras, mas também desrespeito à história e à cultura, ou seja, a perda do espaço concebido e vivido de milhares de famílias, promovendo alterações visíveis na paisagem rural com a monocultura da cana e um grande vazio demográfico, assim como também tem alterado a paisagem urbana, uma vez que as cidades recebem o contingente desterritorializado do campo e os trabalhadores vindo de outras cidades e regiões.

Na verdade, sabe-se também que o processo relacional acumula temporalidades sociais, redefine formas, reelabora o antigo (a resignificação da paisagem) e resulta de processos sociais com cores, sons e cheiros característicos, ou seja, a paisagem deve ser vista como uma vitrine de processos amplos que se constitui de transformações abruptas, mas também de resignificações culturais. Almeida (2008) apresenta a paisagem como uma construção, um produto de apropriação e transformação do ambiente em cultura, tendo os seres humanos como atores que lhes atribuem um significado. Realidades, valores, gestos e cotidianos coexistem, constituindo-se em patrimônios sociais, históricos e culturais, permanentes e cambiantes das comunidades humanas.

A região do Triângulo Mineiro e o Sudoeste Goiano, onde se inserem as Microrregiões Ituiutaba e Quirinópolis, está num contexto importante para a pesquisa da produção da cana-de-açúcar, pelo fato de terem em sua área várias usinas sucroalcooleiras que se instalaram nelas devido a vários fatores favoráveis, presentes na paisagem física como o relevo plano, os recursos hídricos em abundância e os solos férteis, comprovados pelas ricas lavouras de soja e milho (embora as usinas argumentem terem utilizadas terras de pastagens degradadas, observa-se, em grande proporção, que foram os solos férteis os mais ocupados).

Seguramente, estamos diante de um processo que envolve sistemas produtivos e modos de vida que vão sendo atravessados, alcançados e capturados pela produção dominante. O agronegócio transforma a paisagem cerradeira que, de acordo Souza e Santos (2008) ancorados em Chaveiro (2008), “continua com seu campo vazio de pessoas [espaço sem cidadão, segundo Santos (1987)], mas produtivo para atender as expectativas de remuneração dos capitais e

investimentos. Agora suas paisagens são uníssonas, padronizadas, mas ele é um território da desigualdade social” (SOUZA e SANTOS, 2008, p. 5).

É necessário, a partir dessas reflexões, prosseguem os autores, entendermos que a pesquisa deva identificar as transformações nas paisagens e nas gentes que sobraram nessas regiões do Cerrado. Para Santos (2008b) o emprego de tecnologias promovem novas carências de tempo e para percebê-las, procurou-se observar as práticas sociais que cada grupo desenvolve, no vivido. Portanto, torna-se importante analisar “as condições com que as tradições persistem e ainda convivem com as diferentes lógicas sociais subservientes aos interesses reprodutivistas dos grandes capitais investidos nas grandes lavouras e usinas de cana-de-açúcar” (SOUZA e SANTOS, 2008, p.2), assim como entender que implicações são promovidas entre essas tradições e as identidades do Cerrado, relacionado às diferentes temporalidades sociais, no que se refere à proposição e elaboração de estratégias e saídas para se permanecer no Cerrado.

O capital e o Estado, como já exposto anteriormente, promoveram mudanças na paisagem natural e cultural, primeiramente pela modernização da agricultura, sobretudo com a soja e o milho, e atualmente com as grandes lavouras de cana-de-açúcar, o que Santos (2008b) vai chamar de Geografia das grandes lavouras, a análise da produção pelo emprego de grande quantidade de tecnologias e das riquezas dessas lavouras. Essas mudanças podem desencadear processos de desterritorialização das formas e relações de produção, assim como de novas territorializações, ou podem promover resignificações das formas existentes visando atender as exigências da modernidade e a velocidade das tecnologias de produção, circulação e informação. Ambos os processos, observa-se uma substituição dos modos de vida e das relações de trabalho, ou pela extinção ou pela coexistência (SOUZA e SANTOS, 2008).

Acredita-se que o processo de (re)ocupação e (re)uso do Cerrado tem proporcionado disputas e convivências de lógicas sociais, no tocante às relações econômicas e culturais, resignificando espaços, modos de produção, festas e relações familiares, numa tentativa de coexistência entre tradição e modernidade. O processo de agricultura tecnológica, representados pelas empresas capitalistas modernas e pelo Estado, representando os interesses da sociedade empresarial, impõe, de forma abrupta, as condições de produção economicista, modificando substancialmente a paisagem e a cultura do Cerrado brasileiro. Contudo, ao contrário do que se pensa, os modos de vida tradicionais não desaparecem, ao contrário, se metamorfoseia, criando novas condições de sobrevivência, mesmo que inseridos em uma cultura urbana. Estamos, entretanto, diante da persistência e de resíduos da cultura tradicional dos povos cerradeiros.

Para Almeida (2008, p. 57), o Cerrado é considerado um dos “*hots pots* de biodiversidade do planeta, entretanto, apenas 1,5% de seu território encontra-se protegido na forma de Unidades de Conservação”. Uma das culturas agrícolas que muito colaborou com a reconfiguração do Cerrado foi a monocultura da soja, cuja expansão, embora venha favorecendo a balança comercial, também está afetando sensivelmente o ecossistema e as populações locais.

4. Algumas considerações

Considera-se importante a abordagem de elementos físicos na análise da paisagem, visto que esses modelam as formas da paisagem. A vegetação, os cursos d’água e o relevo são fatores de maior relevância pelo fato de serem elementos externos, visíveis a olho nu que se sobressaem nas feições da paisagem. Contudo, há ainda outros fenômenos, não tão visíveis, que precisam ser resgatados na análise paisagística, tanto físicos como antrópicos, e neste último, os fenômenos econômicos e culturais são os que mais reconfiguram e resignificam a paisagem.

Sabe-se que o solo, a rede de drenagem e principalmente a vegetação pode ser, em diferentes escalas e temporalidades, modificadas pela implantação de modelos agrários, resultado de planejamentos econômicos de um país, ou até mesmo do capital a nível planetário, em época de globalização. Sabe-se ainda que os laços culturais também podem ser reestruturados ou resignificados pelos mesmos fatores econômicos e ambos imprimem, na paisagem, uma transformação substancial a ponto de moldá-la em uma feição totalmente adversa à que se tinha anteriormente, é o caso do Cerrado substituído pela pastagem, ou da pastagem substituído pela cana-de-açúcar, ou a feições resignificadas que, a partir de lógicas contraditórias, coexistem antigas e atuais formas de paisagens, como o contraste entre áreas de pequenas propriedades tradicionais, próximas à extensas de cultura da cana.

Tem ocorrido, enfim, importantes transformações no Cerrado, a partir da implantação do agronegócio, em primeiro momento pela pastagem, soja e milho, e atualmente pela cana-de-açúcar que, juntamente com as mudanças nos modos de vida da população tradicional, impõe novos arranjos e feições à paisagem do Cerrado goiano e mineiro.

5. Referências

AB’SABER, Aziz. **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

ALBINO, Káren Cristina de F. G. **Os territórios da cana-de-açúcar no Triângulo Mineiro: impactos da expansão canavieira no Município de Santa Vitória (MG)**. 129 f. (Monografia de Graduação). Uberlândia: UFU, 2008.

ALMEIDA, Maria Geralda de. Diversidades paisagísticas e identidades territoriais e culturais no Brasil sertanejo. *In: ALMEIDA, M. Geralda, CHAVEIRO, Eguimar F. e BRAGA, Helaine C. Geografia e cultura: os lugares da vida e a vida dos lugares (Org.)*. Goiânia: Editora Vieira, 2008, p. 47-74.

CARA, Roberto B. Territórios de Lo Cotidiano (pontos de partida para la reflexión). *In: MESQUIRA, Z.; BRANDÃO, C. R. (Org.) Territórios do Cotidiano – uma introdução a novos olhares e experiências*. Porto Alegre/Santa Cruz do Sul: Editoras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), 1995. 206p. P.67-75.

CHAVEIRO, Eguimar Felício. O Cerrado em disputa: sentidos culturais e práticas sociais contemporâneas. *In: ALMEIDA, M. Geralda, CHAVEIRO, Eguimar F. e BRAGA, Helaine C. Geografia e cultura: os lugares da vida e a vida dos lugares (Org.)*. Goiânia: Editora Vieira, 2008, p. 75-97.

CHIER, Raul Alfredo. Trajetórias do conceito de paisagem na Geografia. *In: Revista RA'EGA*, n. 7, 2003, p. 79-85.

CLAVAL, Paul. As abordagens da Geografia Cultural. *In: CASTRO, Iná Elias. et. al. (Org.) Explorações geográficas*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

CLAVAL, Paul. As Abordagens da Geografica Cultural. *In: CASTRO, Iná. E. de.; GOMES, Paulo. C. da C.; CORRÊA, Roberto. L. (Org.) Explorações Geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997, p. P.89-117.

CORRÊA, R. L. Territorialidade e corporação: um exemplo. *In: SANTOS, M.; SOUZA, M. A. A. De.; SILVEIRA, M. L. (Org.) Território – Globalização e Fragmentação*. São Paulo: Hucitec, 1996, 332p. P.251 – 256.

CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, (Org.). *Introdução à Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

DAMIANI, A. L. O Lugar e a Produção do Cotidiano. *In: CARLOS, A. F. A (Org.) Novos Caminhos da Geografia*. São Paulo: Contexto, 1999. 204 p. P.161-172.

MENDONÇA, Marcelo. Os movimentos sociais cerradeiros: a territorialização do MAB em Goiás. *In: ALMEIDA, Maria Geralda. Tantos Cerrados*. Goiânia: Vieira, 2005, p. 196-221.

PASSOS, M. M. *Biogeografia e Paisagem*. Presidente Prudente: UNESP, 2003.

SANTOS, Milton. *O espaço do cidadão*. São Paulo: Nobel, 1987.

a. SANTOS, Rosselvelt José. (Re)Ocupação do cerrado: novas gentes, outras identidades. *In: ALMEIDA, M. Geralda, CHAVEIRO, Eguimar F. e BRAGA, Helaine C. Geografia e cultura: os lugares da vida e a vida dos lugares (Org.)*. Goiânia: Editora Vieira, 2008, p. 47-74.

b. SANTOS, Rosselvelt J. *Gaúchos e mineiros do Cerrado: metamorfoses das diferentes temporalidades e lógicas sociais*. Uberlândia: EDUFU, 2008.

SILVA, Aldo Aloísio D. da. Monbeig, paisagem e Geografia estigmática. *In: Mercator-Revista de Geografia da UFC*, ano 01, n. 02, 2002, p. 71-78.

SOUZA, Edevaldo A. e SANTOS, Rosselvelt J. Resignificações no Cerrado: das roças às imposições tecnológicas. *In: IX Jornada do Trabalho Dinâmica Territorial do Trabalho no Século XXI: em busca dos sujeitos que podem emancipar a sociedade para além do capital*. Catalão: UFG, 2008.

TROLL, Carl. A paisagem geográfica e sua investigação. *In: Revista Espaço e Cultura - NEPEC*, n. 02, Rio de Janeiro, jun. 1996, p. 1-7.